

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Formação Intercultural para Educadores Indígenas

SABERES TRADICIONAIS SOBRE O
PARTO PATAXÓ NA ALDEIA MÃE BARRA VELHA

Mayhá Pataxó (Mairá Braz)

Belo Horizonte/ MG

Agosto de 2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Formação Intercultural para Educadores Indígenas

SABERES TRADICIONAIS SOBRE O PARTO PATAXÓ NA ALDEIA MÃE
BARRA VELHA

Mayhá Pataxó (Mairá Braz)

Percurso Acadêmico apresentado à Faculdade de Educação da UFMG, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas.

Orientadora: Érica Dumont Pena

Coorientadora: Áquila Bruno Miranda

Belo Horizonte / MG

Agosto de 2023

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao grande Niamisu (Deus) e aos Naô, que me deu oportunidades, força de vontade e coragem para superar todos os desafios.

Aos meus familiares, que me ajudaram e me desejaram palavras carinhosas. A todos que torceram por mim e ajudaram nessa caminhada. Um agradecimento mais que especial aos meus avós maternos (que Deus a tenham) que mim tornaram essa pessoa que sou hoje, sei que onde estejam acreditaram no meu sucesso.

Agradeço ao meu esposo Arauê Vieira Braz, que me incentivou todos esses anos que estive na universidade a não desisti, e que mostrou compreensão, força e amor ao longo de toda a minha trajetória.

Agradeço aos meus filhos Miriawê e Wãrehá, por mostra que o amor que tenho por eles, me fizeram seguir em frente sem desaminar. Dedico este trabalho a vocês meus amores.

Agradeço a todos que cuidaram dos meus filhos, quando não estava presente, por compreender as ausências para poder estudar.

A minha orientadora Érica Dumont, por ter aceitado orientar nesse percurso, por me ajudar no decorrer deste trabalho, me dando todo o suporte necessário e por ser uma professora incrível e que admiro, me incentivando sempre. Sou muito grata por tê-la conhecido e compartilhado este caminho com você.

A minha coorientadora Áquila Bruno, que todo esse tempo esteve presente colaborando nas orientações, principalmente em questão ao vídeo “ kâupetõ nitxuké’xó” sem sua presença não seria possível, e por ser uma professora muito atenciosa e meiga, admiração imensa por sua pessoa.

Aos meus colegas de turma da ciência da vida e da natureza, obrigada pelos inesquecíveis momentos ao lado de vocês, por toda amizade e carinho.

A Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, por ter nós dado espaço enquanto estudante indígena e todos os professores e coordenadores, bolsistas e funcionários do FIEI que sempre esteve nos ajudando e colaborando no curso.

Agradeço as nossas lideranças e cacique que acreditaram nos nossos potenciais de estarem indo atrás de novos conhecimentos para esta ajudando a nossa própria comunidade. E também as lideranças do conselho de lideranças da UFMG por nos representar e nos dar suporte nessa caminhada.

Agradeço imensamente a todos que participaram direta e indireta do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa que enriquecendo o meu processo de aprendizado. A Maria D'ajuda Cristiano Braz, a Kaiminuã Braz Ribeiro, a Itaiane Ferreira dos Santos, a Yomani Ferreira dos Santos e a Sandriana Borges Vieira por relatar as suas experiências tradicionais vividas nos seus partos. Agradeço também a minha irmã Damiana Braz por ter feito parte da sua gestação, e parto, por ter aceitado o meu acompanhamento nesse momento tão importante da sua vida, este acompanhamento importantíssimo para a realização do meu percurso.

Agradeço as professoras presentes na banca que trouxeram contribuições valiosas para este trabalho.

Enfim, um NITXI AWÊRY a todos que me apoiaram em mais esta jornada!

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho primeiramente a Niamisu (Deus) pelo dom da vida;

Dedico este trabalho aos nossos anciões da minha aldeia mãe Barra Velha, em especial as parteiras que trazem contigo as sabedorias do partejar nas suas mãos, e a todas que contribuíram nessa caminhada para este trabalho fossem realizados.

Aos meus familiares por sempre estarem presentes na minha vida, a minha mãe Eroides Braz, meus irmãos, aos meus filhos Miriawê e Wârehá, meu esposo e aos meus avós.

RESUMO

O meu trabalho aborda os saberes tradicionais sobre o parto Pataxó na Aldeia Mãe Barra Velha contado por mulheres que tiveram os seus partos em casa com parteiras. Busquei neste trabalho mostrar a importância que as parteiras têm para a minha comunidade, pois muitas das coisas estão mudando e cada vez mais esses conhecimentos de realização do parto feito pelas parteiras estão ficando esquecidas pela aldeia, pois muitas das jovens nos dias de hoje não estão procurando mais esse saber cultural do povo, estão preferindo os conhecimentos dos médicos deixando os saberes ancestrais do povo pataxó de lado. Nesta pesquisa busquei analisar histórias recentes de parto por mulheres pataxó da aldeia Barra velha, como forma de fortalecimento e preservação dos saberes culturais no momento do pré-parto, parto e pós-parto. Utilizei como metodologia a autoetnografia, a partir dos meus relatos de parto e a entrevista semiestruturada com cinco de mulheres que tiveram parto com parteiras tradicionais Pataxó nos últimos dez anos (2012 – 2022). E foi feita uma entrevista livre sobre ervas tradicionais pataxó. Como resultado, elaborei duas categorias: a parteira no parto Pataxó e Saberes e práticas sobre o resguardo da mulher Pataxó. Além disso, foi construído um curta intitulado KÂUPETÕ NITXUKÉ'XÓ: O parto tradicional narrado pelas crianças Pataxó. Diante dos dados obtidos concluo que: é fundamental que a as instituições de saúde utilizem métodos favoráveis para a inclusão das parteiras nas unidades de saúde, com o objetivo de melhorar a qualidade dos atendimentos na saúde da gestante indígena e para contribuir com o desenvolvimento e fortalecimento dos saberes tradicionais do nosso povo em relação ao período gestacional. Outro aspecto diz respeito a necessidade de afirmar que muitas ações precisam ser feitas em prol dos atendimentos das mulheres indígenas em hospitais no momento dos seus partos, infelizmente, observamos que não é de hoje que as mulheres sofrem maus tratos nos atendimentos hospitalares.

Palavras-chave: parto tradicional pataxó; parto; cuidado; nascimento.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO E ESCOLHA DO PERCURSO	8
2. METODOLOGIA.....	12
2.1 Autoetnografia	12
2.2 Entrevistas semiestruturadas	13
2.3 Análise de conteúdo	13
2.4 Elaboração do vídeo.....	14
3. RESULTADOS	14
3.1 MEU RELATO DE EXPERIÊNCIA EM ACOMPANHAR A GESTANTE DAMIANA BRAZ	25
3.2 ELEMENTOS DO CUIDADO NOS PARTOS TRADICIONAIS PATAXÓ	29
3.2.1 Ervas tradicionais.....	30
3.2.2 Simpatias.....	34
3.2.3 A influência da lua no parto	35
3.2.4 Parteiras tradicionais	35
3.2.5. Resguardo das mulheres Pataxó.....	36
3.3 Vídeo para trabalhar o Parto e nascimento em sala de aula.....	37
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
5. Referências:.....	40
Apêndice A.....	41

1. APRESENTAÇÃO E ESCOLHA DO PERCURSO

Meu nome é Mairá Braz, sou da etnia Pataxó. Nasci e resido na Aldeia Barra Velha, que fica localizada no município de Porto Seguro no Estado da Bahia. Esta aldeia, também é chamada de Aldeia Mãe, pois foi a primeira aldeia do povo Pataxó. Após o “Massacre do Fogo de 51”¹ muitos indígenas fugiram de Barra Velha para não serem mortos e formaram novas aldeias espalhadas entre os municípios de Porto Seguro e Prado.

Na Aldeia Barra Velha mantemos muitos dos nossos costumes e tradições vivos. Um deles é em relação ao nascimento das crianças que desde os nossos ancestrais, eram pegas por parteiras, com a ajuda da nossa medicina sagrada das plantas. Na aldeia atualmente temos cinco parteiras Dona Roxa, Dona Delma, Dona Mariazinha, Dona Rosa e Dona Eliandra (Bia). Estas parteiras pegam as crianças nas casas das mulheres grávidas. A aldeia não fica perto de hospital, o hospital mais próximo fica umas 2 horas de carro na cidade de Itabela, e para o hospital do município da aldeia que é Porto Seguro, levamos 4 horas de carro. Também temos um Posto de Saúde na comunidade onde acontecem os atendimentos das gestantes da aldeia como a vacinação, odontologia e os atendimentos do pré-natal.

Minha mãe se chama Eroides Braz, mas fui criada pelos meus avós maternos desde pequena, Adalício Braz Ribeiro e Minervina Maria Cristiano Ponsada Ribeiro. Tenho 6 irmãos e sou casada com Arauê Vieira Braz. Temos dois filhos: Miriawê Braz Vieira, de 10 anos e Wãrehá Braz Vieira, de 2 anos.

Em toda minha vida escolar, estudei em escola indígena. Comecei a estudar com meus 4 anos de idade e segui até concluir o 3º ano do Ensino Médio na escola que ficava em um anexo da Escola Indígena Pataxó Barra Velha, atualmente conhecida como Escola da Sede. Foi nessa escola onde tive meu primeiro contato com o lápis e papel e uma professora, professora essa indígena da própria aldeia: Geane Bonfim Vieira. Nesse universo escolar que aprendi a respeitar e a valorizar a nossa cultura

¹ O “Massacre do Fogo de 51” ocorreu em 1951 na terra indígena Pataxó Barra Velha (Bahia). Esse violento episódio acarretou no massacre de dezenas de indígenas, pela polícia. Para saber mais desse episódio ver o percurso elaborado pela estudante e professora indígena Pataxó Erilsa Braz dos Santos intitulado: “A história da demarcação da terra indígena Barra Velha”.

Pataxó através dos cantos, das brincadeiras e dos contos das nossas histórias do povo Pataxó.

Em 2011 tive muitas realizações e desafios na minha vida, pois foi o ano que me casei com o homem pelo qual me apaixonei, concluí o Ensino Fundamental II e me tornei mãe de um lindo menino. Também foi um ano de tristeza por dar Adeus a uma mulher que foi tudo na minha vida, minha avó Minervina, a mulher que me criou e fez de mim a pessoa que sou hoje.

A gravidez desse meu primeiro filho, Miriawê foi tranquila, sem complicação e ele nasceu de parto normal. Ficar grávida foi bem tranquilo pois não tive enjoo, nem outros sintomas que têm em uma gestação, continuei estudando e trabalhando com artesanato de sementes que não é coisa pesada. De início, assim que descobri a gravidez, comecei a fazer o pré-natal aqui mesmo no Posto de Saúde da aldeia. Esse acompanhamento era mensal com as enfermeiras Sônia e Jade, quando discutiam informações sobre peso, pressão arterial, medicamentos seguros para tomar na gravidez, prescreviam vitaminas como ácido fólico e passavam o exame de ultrassonografia para observar o crescimento do bebê. Nenhum momento do pré-natal tive a participação da parteira para passar suas informações e saberes culturais em relação a gestação. Foi desafio muito grande, pois na época tinha apenas 13 anos, mudei bastante e tive muitas sensações, sentimentos. Apesar de não ter sido planejado meu filho foi desejado e hoje agradeço por ter ele comigo.

No dia 10 de agosto, meu bebê resolveu nascer dando início às primeiras contrações às duas horas da madrugada deste dia. Comecei sentido umas dores na costa, fui acordar o meu marido e falei das dores que estava sentido e ele, rapidamente, foi falar para a mãe dele, pois na época morávamos na casa dela. Então ela mandou ele e chamar a parteira pois sabia que as dores já eram as contrações para parir o bebê. A parteira Delma chegou fez o toque e realmente eram as contrações. Dali em diante entrei no período de não conseguir pensar em mais nada a não ser me concentrar em ganhar o meu filho. Meu marido foi avisar a minha mãe que eu estava com dor de parir e quando minha mãe chegou, trouxe muitas ervas medicinais que tinha no quintal dela para fazer banhos, chá e esfregação para aumentar a dor e ganhar o bebê mais rápido. Então ela e minha sogra foram fazer os banhos, enquanto a parteira Delma ficou me explicando e orientando o que fazer nas horas das dores, como por exemplo a posição que eu achava melhor para parir, para não me machucar e não machucar o bebê. Explicou para eu andar dentro de casa

onde estava acontecendo o parto, para manter movimentando e para só pôr força na hora que sentisse a dor, para não ficar dando força sem precisão.

Depois Delma começou a me banhar da cintura para baixo com os banhos das ervas medicinais e comecei a beber os chás que elas fizeram, um desses chás foi de pimenta do reino. Ô chá apimentado meu Deus! Elas viam que eu estava me sentindo bem e que o bebê também estava bem. A Delma mexia na barriga para sentir o bebê, ver que se ele estava na posição certa e só não aferia a pressão por não ter um aparelho no momento, mas ela sempre perguntava que eu estava sentindo bem. Depois de horas que a bolsa estourou e passada a madrugada com dor, por volta de umas cinco horas da manhã a dor passou totalmente, eu não sentia mais dor. Nesse momento a parteira, minha mãe e meu marido começaram a ficar preocupados comigo e o bebê, pois na época eu era uma mãe tão jovem. Queriam que eu fosse para o Hospital, mas eu não queria ir e então depois de muitos banhos e chás as dores voltaram novamente. Nesse momento a parteira pediu para meu marido se sentasse atrás de mim para que eu tivesse mais força, pois estava chegando a hora! Foi nesse momento também que outra parteira chegou para ajudar a Delma, ela era a Sijanete, mais conhecida como “Nete do Guarani” que na época estava na aldeia em um intercâmbio escolar. Com essas duas parteiras e meu marido me ajudando às dez horas da manhã nasceu o meu bebê, o meu primeiro filho.

Por passar da hora de nascer e por estar com o cordão umbilical todo enrolado no pescoço, ele nasceu sem respirar. Então nesse momento a parteira Delma, com a sua experiência começou a chupar o nariz dele com sua própria boca e minha tia também começou a bater em uma panela com uma colher de madeira para que ele voltasse a respirar. Uns minutos depois ele respirou e começou a chorar para a alegria de todos que já estavam chorando pensando que o bebê tinha morrido. Principalmente para minha alegria e felicidade que neste momento tinha ficado sem saber o que fazer. No final deu tudo certo, meu filho estava comigo. Depois do parto finalizado meu marido foi soltar os foguetes que é uma tradição da aldeia, informando que a criança nasceu. Ele foi um bebê muito tranquilo, não chorava muito, teve poucos dias de cólicas pois fazia chá com as ervas medicinais para aliviar as cólicas e não teve dificuldade para amamentar já que tive leite rápido. Depois do parto não tive nenhum problema além das dores, um pouco nas costas e no seio, por estar amamentando. Meu resguardo também foi tranquilo e tinha minha mãe e minha sogra que cuidavam de mim o tempo todo. Com tudo isso, depois de um mês voltei a

estudar, pois faltavam por volta de três meses para concluir o 9º ano do Ensino Fundamental II. Apesar das dificuldades nesse novo ciclo, entre estudar e ser mãe, consegui me formar, uma formatura toda no ensino tradicional Pataxó.

Em 2014, concluí o 3º ano do Ensino Médio quando me inscrevi pela primeira vez no vestibular da Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI), porém não consegui ser aprovada. Fiquei dois anos sem me inscrever em nenhum vestibular, mas uma amiga me incentivou a inscrever no vestibular do FIEI novamente em 2019 quando consegui ser aprovada. Neste ano também descobria que estava grávida do meu segundo filho e iniciava mais um desafio de ir para a Universidade em Belo Horizonte com apenas três meses de gravidez. Mas fui e deu tudo certo na viagem. Nesse período, nos deslocamentos para as aulas que ocorria na UFMG, tinha que atravessar a avenida Antônio Carlos, sempre correndo, pois, teria ser atropelada por algum veículo. Durante as cinco semanas que estive nas atividades do FIEI não precisei usar serviços de saúde.

Em 2020, no dia 10 de fevereiro, ganhei o meu segundo bebê de uma gravidez também tranquila e sem complicação. Esse meu parto foi totalmente diferente do primeiro, comecei a sentir as primeiras dores na noite anterior, por base das 22:00 horas, mas como as dores ainda estavam fracas não chamamos a parteira logo. Então foi o restante da noite assim, sentindo essas dores, e quando foi umas quatro horas da madrugada meu marido foi chamar a parteira Delma, já que as dores estavam muito mais fortes. Quando Delma chegou na nossa casa a bolsa também estourou então após o toque ela falou que não iria demorar. Realmente não demorou, às 4:37 horas da madrugada já ganhava meu segundo filho. Dessa vez nem teve tempo de preparar banhos e chá das nossas ervas medicinais, quando minha mãe, mais minha irmã chegaram para ajudar eu já tinha ganhado e meu marido já estava soltando os foguetes. Dessa vez foi só a parteira Delma e meu marido novamente que me ajudaram nos momentos de realização de me tornar mãe novamente.

Nesse parto não teve nenhuma complicação e nem com o bebê, mas dois dias depois eu comecei a passar mal, com muitas dores abdominais. Então meu marido foi até o Posto de Saúde e veio um enfermeiro que falou que possivelmente eu estava com uma infecção e que não podia passar nem outro remédio farmacêutico a não ser paracetamol. Foi então que minha mãe e minha prima que moram perto da minha casa começaram a fazer banho e chá das ervas medicinais para eu melhorar e Dona Domingas, a mulher do pajé da aldeia, trouxe banhos e ervas medicinais para

massagear a barriga para eu melhorar das dores que estava sentindo. Com isso melhorei, graças aos conhecimentos das nossas ervas medicinais.

Então, em todo momento da minha vida as ervas medicinais e os saberes tradicionais Pataxó foram fundamentais e estiveram presentes. Por isso, escolhi fazer o meu percurso sobre histórias que mostram a força desse saber tradicional e das ervas medicinais no parto e até o pós-parto das mulheres Pataxó que vivem hoje na minha aldeia. Falar sobre esse saber que está em uso, não adormecido, mas que muitas mulheres têm sido desencorajadas pelo serviço de saúde, por serem muitos jovens, entre 14 a 16 anos e também por serem a primeira gestação. O objetivo deste trabalho é analisar histórias recentes de parto tradicional Pataxó e os saberes tradicionais indígenas sobre as ervas medicinais usadas no parto tradicional pelas parteiras na Aldeia Mãe, Barra Velha, no extremo sul Bahia.

2. METODOLOGIA

Considerando o objetivo desse trabalho que se propõe analisar histórias recentes de parto tradicional Pataxó e os saberes tradicionais indígenas sobre o parto tradicional pelas parteiras vivenciadas na Aldeia Mãe, Barra Velha, no extremo sul Bahia, optamos por dois métodos de construção de dados: a construção de uma autoetnografia e a realização de entrevistas semiestruturadas.

2.1 Autoetnografia

Segundo as intelectuais negras Joselina da Silva e Maria Simone Euclides (2022) a autoetnografia é uma metodologia de pesquisa na qual a minha história e experiência são contadas como fonte de produção de conhecimento. Ao contar a minha história parto e minha experiência acompanhando o parto da minha irmã busquei entender algumas pistas dos desafios e das possibilidades de um parto indígena, e a partir daí, desenvolver ações para melhorar as condições de parto na minha aldeia. Ainda segundo as autoras autoetnografia é um campo teórico e metodológico de pesquisa que “faz-nos trilhar caminhos de compreensão de nossas práxis, ao lado de diferentes agências à luz de um contexto social macro. Frequentemente utilizadas pelos grupos tidos como marginalizados”(Silva e Euclides, 2022, p.80)

Essa observação ocorreu para que se tenha um meio para a preservação do conhecimento nela registrado: o dos saberes tradicional e científico no período gestacional Pataxó. Pois desses saberes apenas um é mais citado na unidade de saúde, por isso a motivação desse acompanhamento, para passar que é possível os dois saberes estarem sendo relacionado como acompanhamento gestacional. Ainda convém lembrar que este acompanhamento foi realizado com a gestante Pataxó Damiana Braz, da Aldeia Mãe, Barra Velha, quando observei as práticas e costumes que são utilizados pelo povo pataxó com as mulheres nesse período gestacional. Esse monitoramento começou quando a gestante estava com quatro meses, onde participei com ela das consultas médica, do pré-natal e do nascimento do bebê no parto.

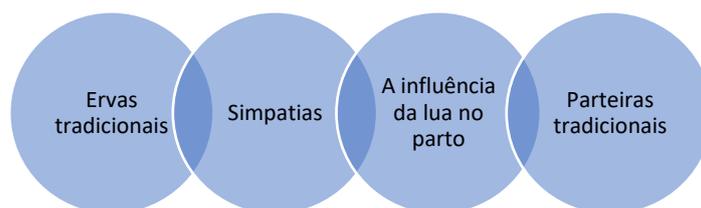
2.2 Entrevistas semiestruturadas

Para as entrevistas foi criado um roteiro de entrevista semiestruturada sobre parto tradicional pataxó (Apêndice A) para entender os relatos de parto de mulheres que tiveram parto com parteiras tradicionais Pataxó nos últimos dez anos (2012 – 2022). E foi feita uma entrevista livre sobre ervas tradicionais pataxó.

Antes de começar a entrevista foi explicado sobre a pesquisa e foi dada a autorização pelo whastapp. O roteiro foi enviado pelo WhatsApp para as mulheres que eu conhecia e sabia que tinham tido parto em casa. As mulheres enviaram respostas por áudio ou escritas. No caso dos áudios eles foram transcritos por mim. Foram feitas 5 entrevistas com mulheres sobre parto tradicional de mulheres Pataxó da Aldeia Mãe, Barra Velha contando as experiências dos seus partos, dos conhecimentos que suas mães, sogras e avós e das parteiras lhes ensinaram nessa caminhada da gestação e até o pós-parto. E uma entrevista sobre ervas tradicionais.

2.3 Análise de conteúdo

Em seguida as entrevistas foram analisadas e organizamos estes relatos a partir de alguns elementos do cuidado no parto tradicional Pataxó. Os principais elementos que analisamos foram:



2.4 Elaboração do vídeo

O vídeo foi criado em cinco etapas são elas: O ROTEIRO DO VÍDEO

1) **Primeiro Momento:** Título (música): KÂUPETÕ NITXUKÉ'XÓ: O Parto tradicional narrado pelas crianças Pataxó

2) **Segundo Momento:** (Narração) O povo Pataxó tem vários conhecimentos tradicionais sobre o parto... Conhecimentos que vem da ancestralidade...São tantas as histórias...

3) **Terceiro Momento:** (Narrações dos relatos dos seus nascimentos. Narração 1: Ithayamehe'alauana Ferreira Braz. Narração 2: Miriawê Braz Vieira

4) **Quarto Momento:** Respeito! Força! Coragem! O parto tradicional Pataxó é a resistência e a força da mulher indígena, em dar à luz na tradição ancestral do seu povo! E você? Já sabe como foi o seu parto? Quais ervas a sua mãe usou? E a sua parteira qual nome dela? Bora pesquisar?!

5) **Quinto Momento:** (Créditos) **Direção e edição:** Mayhá Pataxó (Mairá Braz), Áquila Bruno Miranda e Júlia Costa de Oliveira **Roteiro:** Mayhá Pataxó e Áquila Bruno Miranda **Produção:** Mayhá Pataxó (Mairá Braz), Áquila Bruno Miranda e Júlia Costa de Oliveira **Direção e criação da animação:** Júlia Costa de Oliveira **Trilha sonora:** Êee Aldeia Sagrada; Akurinã Pataxó **Narração:** Hortência Miranda de Oliveira **Criança e mães:** Miriawê Braz Vieira (Mairá Braz); Ithayamehe'Alauana Ferreira Braz (Itaiane Ferreira dos Santos). **Apoio / Realização:** Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG; Formação Intercultural para Educadores Indígenas, Habilitação Ciências da Vida e da Natureza-FIEI/CVN

3. RESULTADOS

3.1 Relatos de Partos, Nascimento e Cuidados no Parto Tradicional Pataxó

O parto tradicional Pataxó é a conexão da mulher com o seu ser interior e com sua própria força, momento que mãe e filho estão conectados um ao outro, em uma só vida, momento que envolve atenção e carinho à mulher e sua família. O parto envolve muito conhecimento, práticas e saberes tradicionais que são passados pelas parteiras, sabedorias essas que vem dos seus ancestrais. Fazer um parto não é só pegar o bebê, mas sim ser a pessoa que está ali dando atenção, respeitando a intimidade da mulher como pessoa, sendo amorosa e cuidadosa com a mãe e bebê, coisa essas que nossas parteiras fazem muito bem com as gestantes. Os relatos de parto deste trabalho valorizam e fortalecem a qualidade da assistência da parteira ao parto domiciliar e o parto tradicional Pataxó.

Relato de Maria D`Ajuda Cristiano Braz

	<p>24 anos Parteira: Delma Braz Almeida Auxiliar de parteira: Eliandra Braz dos Santos (Bia)</p>
--	--

“Sou Maria D´Ajuda Cristiano Braz, tenho 24 anos e moro na aldeia desde pequena. Tive um parto que foi na Aldeia Barra Velha, com a parteira Delma. Tive acompanhamento de pré-natal no Posto de Saúde da Aldeia e, também com a parteira, o acompanhamento era uma vez por mês. Preparei para o parto fisicamente e mentalmente. Das duas formas com cuidados médicos e com os cuidados tradicionais. Eu aprendi na escola como podia acontecer o parto, com os professores de ciência e biologia. Também às vezes acontecia de ouvir os nossos familiares comentando sobre o assunto. A minha parteira se chama Delma, escolhi ela por ser

uma pessoa de experiência, de qualidade e por ser bem conhecida na Aldeia pelo seu excelente trabalho. Também por ela ter visão e dom dado por Tupã! Soube que estava em trabalho de parto no momento que comecei a sentir contrações, como dor nas costas, cólicas e dor na barriga, ou seja, com todos os sintomas que durante o acompanhamento médico assim me falavam.

No momento do parto, a parceira conversou comigo, me explicou como seria novamente, o que fazer. Me fez esfregação, tomei banho de ervas para ajudar aumentar as dores. Ela estava sempre juntos comigo.

A dona Delma e uma auxiliar Eliandra, que eu mesma convidei, também tem experiência. Minha irmã mais velha e no final, meu esposo. O acompanhamento foi o melhor! Nem um momento fiquei sozinha! E melhor, sempre recebendo instruções que me ajudou muito! As mulheres que me acompanharam eram atenciosas, corajosas, talentosas, experiente! O incrível, só com o dom de Tupã! Estudo e faculdade nunca feitos!

Com relação a minha história do parto, as primeiras contrações comecei a sentir as 13h do dia 07/02/14. Contrações bem fracas, que no decorrer do dia só aumentavam! E só às 24h senti reações mais fortes! E só assim, chamei a parteira! Daí então, entrei no tão esperado trabalho de parto! E mais ou menos às 4hs da madrugada dei à luz ao meu filho Txoyhã! Ele foi uma grande alegria para os meus familiares e daí em frente só gratidão a Deus pela maravilha realizada em minha vida!

O meu resguardo foi durante um mês todo! Tomando todos os cuidados necessários. Cuidados: não pegar peso, alimentação no horário certo, banho de ervas medicinais, cuidado com a tesoura que foi usada para cortar o umbigo do bebê. A tesoura estava sempre guardada debaixo do travesseiro, até ficar bem cicatrizado.

Eu amamentei! Amamentar é muito bom! Eu particularmente, amava muito dar mamar ao meu filho! Amamentei até o meu filho ter três anos e meio. Me senti abençoada por ter vivido essa linda experiência de vida!

Tive cuidado com a mãe do corpo, por isso, o motivo de cumprir o resguardo certinho. É muito importante seguir todas as prescrições da parteira e dos anciões da aldeia, eles tudo sabem sobre esse assunto”.

Relato de Kaiminuã Braz Ribeiro

	<p>23 anos</p> <p>Parteira: Delma Braz Almeida</p>
---	--

“Sou Kaiminuã Braz Ribeiro, tenho 23 anos, moro na aldeia desde que nasce. Tive um parto e dois abortos, parto esse que foi com a parteira Delma na casa de minha mãe. Tive acompanhamento a partir dos dois meses quando comecei a fazer o pré-natal e terminei com os nove meses de gestação, com a parteira. Desde que soube da minha gravidez ela sempre me falava para eu fazer banhos de ervas e caminhar para ter um parto bem rápido. Eu caminhava bastante, porque a parteira falava que era muito bom. Eu não sabia como era o parto, mas sabia que ia doer bastante, o que aprendi com a minha família e a parteira.

A minha parteira se chama Delma, escolhi ela desde o momento que descobri que estava grávida e, também por ser uma parteira maravilhosa na aldeia e porque minha família ser bem próxima dela. Soube que estava em trabalho de parto, porque já estava no mês que ia ganhar, e no momento que comecei a sentir contrações e por as pessoas me orientava sobre como era a dor do parto.

No momento do parto, primeiramente ela fez o toque para ver se estava no jeito para ganhar, depois tomei muitos banhos de ervas medicinais para a dor vim mais forte, depois dancei o ritual nos momentos das contrações e rezamos as orações para ajudar no parto. A dona Delma, minha mãe, minha avó, tia, o pai da minha filha e os encantados, eu sentia eles porque eu chamava para me ajudar. Minha fé é tão grande que no momento eu sentia a presença dos encantados. Com relação ao meu parto

foi no dia 2 de abril de 2014, a partir das 2:00 horas da madrugada, que foi onde começou as primeiras contrações, e a minha filha nasceu as 3:40 da tarde.

Meu resguardo foi bem cuidado por minha mãe e eu, por exemplo, não comi comida requentada, não tomei banhos frios nos primeiros dias, só sai de dentro de casa depois de 7 dias, tomei banhos de remédios de ervas medicinais, e cuidei da tesoura. Desde que a criança nasce a mãe tem que colocar a tesoura debaixo do travesseiro, porque os mais velhos da aldeia falam para tomar cuidado com a bruxa, por isso devemos colocar a tesoura.

Amamentei, no começo não saiu o leite, mas a parteira e minha vó colocaram um cordão benzido para que o leite saísse rápido, e me deram bastante líquido o que foi muito bom amamentar. Me senti bem, meus cuidados foram com ervas para manter meu corpo forte.

Relato de Itaiane Ferreira dos Santos

	<p>20 anos 2 filhos vivos e 1 perda gestacional Parteira: Delma Braz Almeida Médico: Marcelo</p>
--	--

“Sou Itaiane Ferreira dos Santos, tenho 20 anos, moro na Aldeia Mãe Barra Velha desde quando eu nasci. Tenho 2 vivos e um morreu, 2 partos e um parto para ter ainda [estava grávida no período da entrevista]. O local do primeiro parto foi na casa de mãe com a parteira Delma e meu segundo parto foi no hospital com o médico Marcelo.

Tive acompanhamento de pré-natal e foi muito bom importante para o desenvolvimento do bebê e para aumentar o meu conhecimento pois o que eu sabia era com minhas irmãs, amigas e mãe

falando como foi o [parto] delas. A parteira foi Delma, aqui nós não tem escolha não, tem que ser feito com a parteira que encontrar no momento. Senti dores fracas no pé da barriga e falei com mãe, que já foi dando banho de ervas para não demorar o parto, até quando a parteira chegou. Primeiramente Deus e meus encantados, e todos da minha família estavam na casa de mãe. Já do meu segundo filho tava Deus e meus encantados e minha mãe junto. Davam banhos de ervas medicinais, chá que mãe fez, a parteira fazia esfregação na minha barriga e nas pernas, e minha mãe regava e a parteira também.

A minha primeira filha nasceu no dia 15/05/2017, as contrações foram bem fraquinha e não demorou muito para ela nascer graça a Deus, porque mãe fez uns banhos com as ervas, a parteira fez a esfregação que rapidinho ela nasceu. Essa minha gravidez me senti bem né, como mãe diz, por causa da “dona do corpo” não podia andar, esforçar, não sentir cheiro de coisas fortes e não pode comer qualquer comida teve esse cuidado.

Já da minha segunda foi no hospital, ela nasceu no dia 07/11/2019, porém dela tinha muita gente, mas eu não conhecia né, tinha os enfermeiros, médicos e de parente só minha mãe, deus primeiramente e meus orixás. Da minha primeira o acompanhamento foi melhor pois estava na casa de mãe e no hospital o acompanhamento não é muito bom não, porque no hospital tem vezes que nem médico e nem enfermeiro liga para você, te deixa lá do jeito que você chegou. Já em casa não, você tem a mãe ali cuidando tem o marido, tem as irmãs e tudo né, e no hospital você não tem ninguém para te dá apoio, só a pessoa que foi junto com você. Dessa que nasceu no hospital, eu sofri muito, muito mesmo, fiquei um dia e meio lá, passando por várias dores e eles nem ligaram, ainda mais que eu tinha que fazer logo cesariana, eles quiseram que eu tivesse parto normal sem eu poder, só que depois teve a cesárea e demorou muito ainda. Porque a bebê não desceu pra baixo, ela subiu e eu ainda eu estava com muitas dores no estômago. A bebê também tinha um problema que era um tumor na cabeça, por isso que era para ter feito logo a cesárea, só que demorou muito para ser feita ainda, ai depois que fez o médico disse: “- Parece que sua bebê não tem nada de errado”, mas depois foram ver, que ela estava com um tumor e o tumor estava do tamanho de uma laranja e era uma massa dura, não era mole, porque se fosse mole dava pra drenar.

Então, com cinco dias de nascida, ela teve que fazer uma cirurgia na cabeça e passou por vários momentos: a pressão dela abaixou no momento da cirurgia, mas graças a

Deus a cirurgia deu tudo certo. Mas depois ela piorou, os rins pararam de funcionar e com tudo isso, durante esse tempo de um mês e sete dias que ela ficou viva. Eu tive que ficar no hospital com ela e teve um momento que ela precisou de uma vaga no hospital em Salvador, só que estava demorando muito e cada vez mais a situação dela estava piorando. Depois de um mês surgiu a vaga, aí que a gente foi e lá em Salvador foi pior ainda que eu sofria por estar longe de todo mundo, mesmo que minha mãe estava lá, mas a família faz falta por não está perto, por você passar por um momento mais doloroso que precisa de um abraço. Eu pensei em ficar com depressão pós-parto porque foi muito difícil, muito difícil esses momentos. Dentro desse mês ela fez diálise e a hemodiálise, foram só momentos difíceis. Porque ela teve que pôr cateter e esse momento foi marcante pois no momento que ela morreu eu vi eles tirando o cateter da perna dela e ele era quase do tamanho de uma caneta ou maior ainda e aquilo não saía da minha cabeça, porque ela era muito pequenininha para passar por isso tudo né. Eu sei que no momento não foi fácil para ela e nem pra mim, pois uma mãe também passar por tudo também no momento, nem só a mãe mas a família. É por isso que falo que a minha segunda gravidez foi mais difícil que a primeira.

Dessa eu não tive resguardo por causa disso, eu teve que ficar pra lá e pra cá. Porque no hospital é uma correria e mesmo que ela estava no berçário eu tinha que estar lá com ela. Isso foi bastante difícil e eu não tive o cuidado do resguardo com a dona do corpo, acho que por isso fico sentindo essas dores todas, até hoje eu sofro por não ter o resguardo da minha filha que foi cesariana. Ela incha, sai sangue e sai pus, por eu não ter o resguardo e ter ficado quieta, porque no momento que a gente é cuidada ficamos bem e se a gente não cuidar depois pagar no futuro. Eu não gosto muito de falar da minha segunda gravidez por ser bastante difícil, mas apesar de tudo dou graça a deus por está bem, que apesar de tudo temos que cuidar do corpo da gente não só no momento do parto mais em todo momento.

Amamentei minhas filhas. Na primeira amamentação né a gente passa por várias dores no peito, pois o peito *poca (dar rachadura)*, principalmente o bico do peito, mesmo assim amamentei. Já da segunda eu amamentei até os quatro dias de vida dela porque ela ia fazer a cirurgia na cabeça e não podia amamentar, também porque ela ficava no berçário e os médicos davam remédios fortes para ela o tempo todo no hospital, ai ela ficava mais dopada.

Yomani Ferreira dos Santos



30 anos

3 filhos

Parteira: Delma e tia Bia

“Sou Yomani Ferreira dos Santos, tenho 30 anos, nasci na aldeia Pará que é uma extensão da Aldeia Mãe, Barra Velha, mas mudamos pra Barra Velha quando eu ainda estava pequena e moro na aldeia até hoje. Tenho 3 filhos: Awênehé, Kawênehé e Êtxawê. Tive esses três partos, dois desses partos foi com a parteira, o primeiro e o terceiro filho e meu segundo filho foi no hospital.

Em todas as minhas gravidez, eu tive acompanhamento do pré-natal né aqui na aldeia mesmo, graça a Deus fiz as ultrassom e deu tudo certo. Eu não me preparei para o momento do parto porque eu tive meu primeiro filho quando eu ia fazer 16 anos e aí eu ficava muito ansiosa, com medo de como seria, mas no momento deu certo graças a Deus, minha mãe estava o tempo todo cuidando de mim e a parteira nos orientando. Então meu primeiro filho nasceu no dia 05/05/2008, logo comecei senti várias dores e aí eu fui para casa da minha mãe né, pra ver o quer que era, aí cheguei lá ela viu que eu estava indo no banheiro toda hora fazer xixi, ela começou a fazer um banho de água quente, banho de folha de Almenda e depois que ela mandou o pai dos meus filhos chamar a parteira que achava que era dor de ter o bebê. Aí chamou a parteira Delma que é uma parteira muito boa aqui na Aldeia Mãe, Barra Velha. Ai quando a

parteira veio, fez o toque todo direitinho e confirmou que era a dor de ter bebê mesmo, foi aí que eu descobri que ia ter meu bebê.

E do meu segundo tive no hospital, ele nasceu no dia 22/08/2010. Então eu não aconselho as pessoas ir para o hospital, só se for com emergência ou ter algum problema, porque no hospital - pelo menos quando eu fui - não fui bem atendida. Lá eles não cuidam da gente, acredito, como deveria e eles deixam a gente lá praticamente abandonado. Não é médico que faz o parto da gente, pelo menos o meu não foi médico que fez, foram estagiários e enfermeiros que ainda atende a gente com arrogância. E as parteiras não, elas e a mãe da gente é diferente, trata a gente com carinho e muito amor.

O meu terceiro filho nasceu no dia 03/09/2012, dele eu tive no meio da estrada e quem fez o parto foi minha mãe e minha tia, que chamo ela de tia Bia. E assim do meu terceiro filho eu fui no hospital, porque eu estava com problema na gravidez né, aí eu ia ter o meu bebê no hospital particular, ia fazer a cesariana e também ia ligar para não ter mais filho, porque nas minhas gravidez eu sofria muito. Ai saímos cedo como sempre que vamos para a cidade, foi que eu passei primeiro em um hospital público aí o médico falou que eu estava com seis centímetro de dilatação já, ai minha mãe perguntou se eles iam fazer a cesariana e ele falou que sim. Aí quando eu estava buscando as minhas coisa minha mãe falou: "- Não ele não vai fazer a cesariana não, então nós vamos para o hospital particular." Aí fomos para o hospital particular, chegou lá o médico disse que meu bebê ainda não estava na hora de nascer. Eu me lembro que foi um dia muito cansativo, pra lá pra cá, fazendo ultrassom e nem nas ultrassom deu que o meu filho estava perto de nascer, é que estava com seis centímetro de dilatação mais eu não estava sentindo dor e nem nada, nesse dia mais toda hora ia no banheiro, mas como era de costume em casa ir no banheiro fazer xixi toda hora, eu achei normal, achei que era psicológico da minha cabeça. Então ai pelo último médico que eu fui, teve um parente que estava com nós falou para o médico: "Olha, não toca mais nela não, ela já está dolorida dos médicos tocar nela, ela já está com trauma", aí o doutor Gediel, que eu lembro muito bem, falou assim: "-Tá bom mamãe, seu bebê estava muito verdinho pra nascer, nós não vamos fazer a cessaria hoje, nós vamos deixa pra tirar na segunda-feira, no dia 16. Que era uma segunda-feira pra eu ir tirar ele, e isso era no dia três que nós fomos. Aí tudo bem, viemos embora, cheguei em casa tomei um banho e depois fui pegar meu outro filho que estava na casa da minha cunhada que morava do lado. Aí quando estava ali, naquele

soninho gostoso, eu senti que a estourou a bolsa e eu fiquei tremendo nervosa. Aí o pai do meu filho foi chamar minha mãe, ela veio e mandou chamar tia Bia que já conhecia sobre o parto também. Tia Bia veio e resolveu me levar para a cidade e quando foi no meio da estrada ali no Porto do Boi, eu lembro que tia Bia ia rezando a todo momento na minha barriga com carinho e passando a mão com todo carinho. Eu pedi para parar o carro porque queria fazer xixi e eu nem consegui fazer o xixi, quando levantei eu só senti uma dor, uma força toda, que quando eu me recordo o menino já tinha nascido.

E mãe e tia Bia contam que foi um milagre mesmo, mãe conta que ela pegou [o bebê] só que o cordão umbilical dele foi cortado onde era pra ser cortado sem ninguém ter cortado, quando chegou em casa que foi fazer e ver isso tudo no claro, pois voltamos do meio da estrada e aí que fomos ver que o cordão umbilical do menino já estava cortado e para nós mesmo foi um milagre de Deus.

É a parteira tem um cuidado que os médicos não têm com a gente né, a parteira sempre está ali com a gente fazendo um banho, uma esfregação e principalmente a mãe da gente que está ali também junto com a gente dando carinho, dando conselho por bem, falando e rezando o tempo todo né. Para mim em todo momento da minha vida é Deus, meus encantados de luz e minha mãe que nunca me deixou sozinha, graça a Deus. E isso quando tive o bebê no hospital, lá só foi o enfermeiro que ficou comigo, eles não deixaram ninguém me acompanhar e minha cunhada estava comigo lá, mas infelizmente eles não deixaram ela ficar. A todo momento que ia ter meus filhos minha mãe estava comigo do meu lado.

Aqui na aldeia temos o resguardo diferente, que o pessoal da cidade não tem. Aqui nós ficamos de um mês à 40 dias de resguardo, em que a gente não pode varrer casa, pegar peso, a alimentação só comida leve, não podemos comer comida pesada, essas coisas minha sogra, minha mãe e minhas cunhadas sempre que faziam pra mim e sempre estava ali para fazer um banho, porque aqui nós cuidamos mais com as plantas, com as ervas medicinais.

Eu amamentei os meus três filhos quando eles era bebê mas, assim, muitas pessoas pensam que logo no começo é fácil. Vou falar aqui que é muito difícil saber amamentar, é muito doloroso principalmente para primeira mãe de primeira viagem, é um momento doloroso pois a gente não sabe dá *mamar* direito para o filho da gente, não sabe ter aquele cuidado assim, mas sempre minha mãe estava do meu lado, ela me ajudava a dar peito para meu filho. Ela dava porque eu estava com uma irmã de

seis meses e ela pegava meu filho que ficava chorando e dava peito, dava de mamar para ele, que mim ajudava muito, e ajudava a cuidar dele a noite também.

Relato de Sandriana Borges Vieira

	<p>Idade: 24 anos Filhos: 1 filho Parteira: Dona Rosa e Bia (auxiliar)</p>
---	--

“Eu comecei a fazer o pré-natal a partir do 3º mês, pois quando eu descobri a gravidez estava no 2º mês e o acompanhamento foi aqui na aldeia mesmo. Fiz todos os exames necessários, não tinha nada de errado, o pré-natal foi bem tranquilo, a enfermeira foi super legal e pude tirar muitas dúvidas. Minha gravidez foi tranquila e não tive nenhum problema.

Eu não me preparei para o parto, não estava com medo quando chegasse o momento. Tive alguns cuidados com o que mãe falava, ela não deixava eu sentar na porta, pois poderia atrapalhar na passagem da criança na hora do parto, não vestia roupa que amarrava porque o cordão umbilical poderia enrolar em alguma parte da criança e minha mãe também não deixava eu fazer colar, pois a linha poderia interferir no cordão umbilical que poderia enrolar no pescoço ou em outra parte da criança e interferir na hora que ela ia nascer. O

que eu sabia sobre o parto era só o que eu ouvia as mulheres falando. Que dor de menino era mais forte do que menina, que quando a dor vinhesse a coluna parecia que ia quebrar, mas teve uma colega minha que teve filho homem que falou que não era isso tudo, que as mulheres mais velhas gostavam de colocar medo em nós.

Dona Rosa e Bia foram minhas parteiras, a parteira Dona Rosa foi minha mãe que escolheu, pois ela que fez o parto do meu irmão caçula, e Bia eu falei com ela para fazer meu parto. Ela fala que não é parteira, que só dá uma ajuda na hora.

Eu não sabia que estava em trabalho de parto, mas imaginei que aquele dia seria o dia que eu ia dar à luz. Era umas três horas da madrugada quando comecei a perder líquido, eu pensei que fosse xixi na minha calcinha que estava um pouco molhada, levantei e fui até o banheiro mas não era vontade de mijar. Depois dessa hora eu não parei de ir no banheiro era de cinco em cinco minutos até amanhecer o dia. A parteira mandou as mulheres, que estavam em casa na hora, pegar folhas de algodão, manga espada e capim santo e elas fizeram um banho pra eu tomar. Eu não tomei nenhum chá, tomei um mingau chamado *mingau de cachorro* que é feito com farinha de guerra, água e pimenta cominho, serviu para a dor aumentar.

No momento estava minha mãe, tia, prima, a parteira e Bia, mas no quarto só estava a parteira e Bia, mãe não entrou no quarto porque estava nervosa. Elas ficaram para ajudar no momento que a parteira precisasse de alguma coisa. Exemplo: banhos, remédio, chá ou pegar algo.

Desde o momento que a parteira chegou aqui em casa ela não saiu de perto de mim, me acalmou, ensinou como era pra eu fazer na hora que a dor vinhesse, ela fez o toque e disse que estava perto de nascer, ensinou também algumas posições que eu poderia ficar pra ganhar o bebê. Ficou o tempo todo conversando comigo e brincando para que eu não ficasse com medo e me sentir confiante.

3.1 MEU RELATO DE EXPERIÊNCIA EM ACOMPANHAR A GESTANTE DAMIANA BRAZ

No pré-natal da gestante Pataxó Damiana Braz observei o que a enfermeira Jade fazia com ela, como orientava sobre a importância de se manter bem, e nesse processo a enfermeira aferia a pressão arterial, conferia o peso, media o comprimento da barriga e ouvia o coração do bebê para saber se estavam bem com os dois, tanto a mãe quanto o bebê.



Pré-Natal



Pressão Arterial



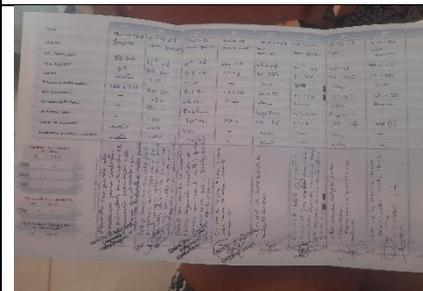
Peso



Medida da Barriga



Ouvido o batimento do coração do Bebê



A caderneta da Gestante

Nas consultas do pré-natal pude compreender que é importante todas as mulheres grávidas fazerem o pré-natal desde o início da gravidez, porque por meio dessas consultas é possível descobrir que se há algo de errado, alguma alteração na saúde da mãe ou do bebê, porque esse é o objetivo do pré-natal de cuidar da saúde da gestante e do bebê até no momento do parto.

Por outro lado, o povo Pataxó também tem os seus conhecimentos tradicionais que são usados nesse momento com suas gestantes, que a medicina do não índio não utiliza, que são passadas de geração em geração como as ervas medicinais os banhos com as ervas medicinais para ter proteção e um bom parto, banhos para quando estão com as pernas inchada e outros cuidados e isso pude observar na experiência do acompanhamento da gestante.

Em uma conversa com Damiana, ela falou que tinha parado de trabalhar em Caraíva, por ficar 6 km da aldeia e ela ter que ir e voltar de moto. Disse que sua mãe e pessoas próximas falaram as coisas que ela não podia fazer para não ter complicação na hora de parir, como não assentar em qualquer lugar que outra pessoa pudesse passar por trás da costa dela, cuidar para quando fosse comer alguma comida assentar primeiro para depois comer, porque não pode come andando para na hora do parto a dores não fiquem grande e, como ela fazia artesanato, para não fazer colares complicados para não enrolar o cordão umbilical no corpo ou no pescoço do bebê. E ela seguiu as orientações que foi passada para ela até no pós-parto.

Assim tive minha primeira experiência de acompanhar um parto, desde as primeiras contrações até o nascimento, onde pude registrar alguns momentos de banhos, quais ervas medicinais eram usadas tanto para banho, chá e esfregação.



Banhos de Ervas Medicinais



Esfregação



Chá de Bola de Frade



Banho para os Inchaços nas pernas



Banho e Chá de ervas medicinais para o parto



Nascimento do Bebê

Esses registros foram do momento das primeiras dores que ela estava sentindo, essas dores começaram as cinco horas da madrugada. Logo de início ela não queria que chamasse a parteira porque as dores viam e iam, mas chegando final da tarde desse dia a mãe dela mandou o marido dela chamar a parteira Delma pois as dores tinham aumentado. Com a chegada da parteira ela falou que era as contrações e estava com sete centímetros [de dilatação], que não iria demorar, mas que tinha que fazer mais uns banhos para aumentar a dor dela. Porém não aconteceu isso, passamos a noite toda e a dor dela não aumentou e pela manhã a parteira mandou eu ir até o Posto de Saúde informar a enfermeira do ocorrido. Ela falou que se até as três da tarde a dor dela não tivesse voltado, tinha que levar ela para o hospital pois nos cálculos da enfermeira ela estava com 40 semanas e também era o seu primeiro parto. Nessa espera fizeram mais banhos, esfregação e uma tia dela rezou, mas a dor não aumentava, até que a tarde chegou e a enfermeira informou que tinha que ir com ela por hospital mesmo. Foi então que fui como acompanhante dela, por ela ser minha irmã, para o hospital de Porto Seguro. Porém chegamos lá umas 9 horas da noite e ela foi ser atendida, mas a médica falou que ela não podia ser internada por estar com apenas dois centímetros de dilatação e que era para voltar para casa. Foi então que passamos dois dias em Porto Seguro pois ia com ela no hospital sentindo as contrações e a médica sempre informava que não tinha como internar ela porque ela não estava com os sete centímetros que a parteira tinha falado. Até que a enfermeira Jade esteve no hospital para saber se era realmente esse motivo, pois ela acreditava muito no que a parteira tinha falado, porque ela conhece muito bem o trabalho da parteira Delma. Assim no dia 23 em um domingo nós fomos no hospital novamente pela tarde, pois ela estava sentindo as dores mais fortes, já estava com sangramento e mesmo assim ela foi liberada para irmos embora para casa. Foi então que ela falou que não queria voltar para o hospital e que queria voltar para aldeia. Então informei a enfermeira que queríamos o carro da SESAI para voltamos e ela informou que o carro estava sem combustível para nos levar de volta, informei também a nossa mãe que iríamos voltar, mas ela não deixou e disse que era para nós ficar lá, com medo de acontecer algo na estrada com ela nessa condição. Então voltamos para o quarto que ela estava pagando e por voltar das 8 horas da noite desse domingo ela me falou que não estava aguentando mais as dores e voltamos novamente no hospital. Então falei que a gente não ia sair dali do jeito que ela estava, foi então que ela foi internada e a médica fez o toque e falou que estava com seis

centímetro e que agora sim podia internar ela. Fiquei com ela ajudando a fazer agachamento, caminhada para a contrações aumenta ainda mais, então com a ajuda de duas enfermeiras orientando ela, o bebê nasceu as 4:02 da madrugada do dia 24 de outubro de 2022. Tive a honra de cortar o cordão umbilical do bebê que é meu sobrinho, depois acompanhei a enfermeira com o bebê para fazer o teste do olhinho, ver o peso que ele tinha ao nascer, o comprimento dele e acompanhei nesse primeiro momento da vidinha dele, do primeiro banho até nas primeiras vacinas que tive que levar ele para tomar. Essa experiência de acompanhamento do momento de uma mulher se tornar mãe pela primeira vez e eu estava lá ajudando sempre vai estar na minha trajetória de vida com muita alegria, essa foi o melhor dos acompanhamentos e em livro nenhum eu ia aprender tudo isso que aprendi com esse compartilhamento de experiência, tanto para mim tanto para a gestante Damiana.

3.2 ELEMENTOS DO CUIDADO NOS PARTOS TRADICIONAIS PATAXÓ

As ervas medicinais são usadas há tempo pelo povo pataxó para tratamentos e cura de doenças. No caso das parteiras, elas têm um saber tradicional sobre as ervas na hora de realizar um parto, desde as técnicas e a preparação dessas ervas medicinais para que em seu trabalho ocorra tudo certo, conhecimentos esses que as anciãs trazem contigo desde a ancestralidade do nosso povo pataxó.

“Esses remédios curam vários tipos de doenças e ajudam também na hora do parto, pós-parto e na recuperação do organismo da mulher ajudando ao útero e o canal da vagina a voltar ao seu tamanho normal, eliminando todo processo inflamatório existente no aparelho reprodutor da mulher. Os remédios funcionam desde que seja feito seguindo a tradição, enterrando o remédio se preciso for e orientando-se também através das fases da lua, pois até para o nascimento da criança e para sabermos seu sexo a lua tem sua influência já que os meninos sempre nascem na força (passagem) da lua minguante ou crescente enquanto as meninas nascem na força (passagem) da lua cheia e da lua nova”.
(MORAES, 2019, P.24)

Conforme citado acima, uma das entrevistas da autora deixa claro que, esses elementos dos cuidados nos partos tradicionais deverão ser seguidos conforme a sua tradição. Com isso, segue abaixo alguns nomes dessas ervas medicinal e o seus usos no acompanhamento durante a gestação, parto e pós-parto:

3.2.1 Ervas tradicionais

Nome da Erva e foto	Usos
<p data-bbox="400 293 576 322">Bola de frade</p> 	<p data-bbox="799 293 1361 600">Uso externo: preparar o banho com as folhas para aumentar a dor na hora de parir. Uso oral: preparar o chá para a mulher beber antes de ganhar para depois que a criança nascer para a limpeza do útero.</p>
<p data-bbox="432 763 544 792">Artimijo</p> 	<p data-bbox="799 763 1361 958">Uso externo: preparado para esfregação com o alho, pilar as folhas do artimijo com o alho todos juntos, para acelera as contrações no parto.</p>
<p data-bbox="440 1178 536 1207">Arruda</p> 	<p data-bbox="799 1178 1361 1429">Uso externo: preparada para a esfregação na barriga da mulher para aumentar a dor. E é usada para a temperada, bebida que dar as pessoas que vão visitar a mulher parida.</p>
<p data-bbox="395 1626 584 1655">Desinchadeira</p>	<p data-bbox="799 1592 1361 1731">Uso externo: preparar o banho com as folhas e banhar as pernas inchadas ou o corpo se tive inchado.</p>
<p data-bbox="376 1760 603 1789">Guiné e Preto véi</p>	<p data-bbox="799 1827 1361 1966">Uso externo: preparar o banho com as folhas todas juntas, esse banho é para proteção da mãe e do bebê.</p>



Quiabo



Uso externo: esse banho começa a se tomar a partir dos seis em diante, para ajudar a criança nasce rápido.

Erva cidreira



Uso oral: preparar o chá bem forte para ajudar a placenta a sair
Uso oral: preparo do chá bem leve com apenas 3 ou 5 folhas para ajudar na tontura, enjoo e pressão altar.

Pique de agulha



Uso externo: preparar o banho da planta e dar na criança no corpo todo, esse banho serve para quando a criança nasce com o chamado Amarelão.

Fé da Terra

Uso externo: preparar o banho com o pé da planta todo para a mulher tomar no corpo todo.
Uso oral: preparar o chá apenas com



as folha para a mulher tomar, esses uso serve para a mulher que tem resguardo quebrado.

Cabaça de Cupim



Uso externo: preparar o banho com pedaços da cabaça e põem para a mulher tomar o banho da cintura para baixo para acelera as contrações do parto.

Xixi de Galinha



Uso oral: preparar o chá com alguns galhos, esse chá serve para a inflamação no útero.

Quioio Cravo



Uso externo: preparar o banho com as folhas e dar o banho na criança, quando nasce gripado ou ficar gripado depois que nasce.

Capim Santo



Uso externo: preparar o banho com o pé do capim santo, esse banho serve para acelerar as dores do parto.

Amêndoas



Uso externo: preparar o banho com as folhas secas das amêndoas, para a mulher tomar da barriga para baixo, para acelera as contrações do parto.

Mastruz



Uso externo: preparar o banho com os ganhos pequeno do matrutz, esse banho serve para cicatrização quando a mulher tem filho na cesariana, para cicatrizar mais rápido.

Uso oral: preparar o sumo do matrutz, tirando as folhas e batendo apenas com água, e toma ele umas três vezes ao dia também para a cicatrização.

Algodão



Uso oral: prepara o sumo com as folhas do algodão, esse sumo serve para cicatrização e limpeza do útero após o nascimento da criança, deve tomar depois de três dia que a criança nasceu isso quando o parto for normal, e se o

	parto foi cesáreo só depois de 15 a 30 dias.
Casca do Caju	Uso externo: prepara o banho com a entre casca do pé do caju para a mulher tomar o banho quando o parto for cesariano, esse banho também serve como cicatrizante na área da cirurgia.

3.2.2 Simpatias

Simpatia do Anum preto	Essa simpatia servir para passar enjoo, modo de preparo: pega o pássaro e assar e dar para a mulher comer sem que ela saiba o que estar comendo. É feito principalmente para enjoo fortes.
Cinza do fogão à lenha	Modo de preparo: pega a cinza do fogão de lenha, e põem em um copo com água e dar para a mulher beber, isso é feito para ajudar a placenta a sair quando passar da hora.
A tesoura	Modo de uso: a tesoura que foi usada para cortar o cordão umbilical, é guardada debaixo do travesseiro do bebê até cicatrizar o umbigo.
Água aquecida pelo sol	Modo de uso: pegar a banheira ou a bacia que a criança tomar banho, e põem água até o meio e deixa no sol até na hora que for dar o banho na criança ou até a água fica quente da quentura do sol, esse banho serve para o chamado Amarelão.

3.2.3 A influência da lua no parto

Lua Cheia	As dores para ganhar são mais fortes principalmente se for menina.
Lua Nova	As dores para ganhar são mais fortes principalmente se for menina
Lua Minguante	As dores são mais fracas e lentas para no caso para meninos.
Lua Crescente	As dores ficar nas grandes uma dor encima da outra, para meninos.
A maré alta	Maré alta quando a mulher está para ganhar a dor aumenta
A maré baixa	Maré baixa quando a mulher está para ganhar a dor ficar nas lentas e diminui

3.2.4 Parteiras tradicionais

As entrevistadas deste trabalho mostram a importância da parteira tradicional no acompanhamento dos partos e destacam a atenção e carinho como elementos importantes deste acompanhamento.

“Não é médico que faz o parto da gente, pelo menos o meu não foi médico que fez, foram estagiários e enfermeiros que ainda atende a gente com arrogância. E as parteiras não, elas e a mãe da gente é diferente, trata a gente com carinho e muito amor. (Yomani, Ferreira)”

De acordo com as mulheres, as parteiras acessam o conhecimento pela experiência e pelo dom, que vem de Tupã.

“O acompanhamento foi o melhor! Nenhum momento fiquei sozinha! E melhor, sempre recebendo instruções que me ajudou muito! As mulheres que me acompanharam era atenciosas,

corajosas, talentosas, experiente! O incrível só com o dom de tupã! Estudo e faculdade nunca feito.” (Maria D’Ajuda)

O atendimento com as parteiras também é frequentemente avaliado como sendo melhor do que o atendimento do hospital, onde as mulheres identificam muito abandono e negligência.

“E do meu segundo tive no hospital (...) Eu não aconselho as pessoas ir para o hospital, só se for com emergência ou ter algum problema (...) não foi bem atendida. Lá eles não cuida da gente (...) eles deixam a gente lá praticamente abandonados.”
(Yomani Ferreira)

3.2.5. Resguardo das mulheres Pataxó

O resguardo para as mulheres Pataxó também é um cuidado com a dona do corpo e tanto as parteiras quanto os mais velhos sabem ensinar.

“É muito importante seguir todas as prescrições da parteira e dos anciões da aldeia, eles tudo sabem sobre esse assunto.”
(Maria D’Ajuda)

Descrevemos alguns cuidados no resguardo Pataxó, de acordo com nossas entrevistadas:

- Não pegar peso;
- Alimentar no horário certo, não comer comida requentada ou pesada;
- Banho de ervas medicinais;
- Cuidado com a tesoura que foi usada para cortar o umbigo do bebê. A tesoura estava sempre guardada debaixo do travesseiro, até ficar bem cicatrizado;
- Não tomar banhos frios nos primeiros dias;
- Não sair de casa nos primeiros sete dias
- Não varrer casa e pegar peso;

3.3 Vídeo para trabalhar o Parto e nascimento em sala de aula.

O vídeo traz o objetivo de incentiva as pessoas pesquisarem a história sobre o seu próprio nascimento. Tanto dentro de uma sala de aula, em conversas sobre maternidade ou por pessoas que tenham curiosidade de saber como foi sua chegada ao mundo.

Colegas professoras/es

Sabemos que as tecnologias fazem parte do cotidiano da comunidade escolar e por isso, tornou-se um importante instrumento para facilitar o processo de ensino e aprendizagem.

O curta intitulado KÂUPETÕ NITXUKÉ'XÓ: O parto tradicional narrado pelas crianças Pataxó apresenta, a partir do olhar da criança Pataxó, os conhecimentos e vivências do parto tradicional indígena Pataxó, com o objetivo de: 1) Facilitar e/ou mediar as partilhas de saberes; 2) Promover aprendizados engajados; 3) Possibilitar que os alunos pensem no modo como nasceram; 4) Proporcionar que as/os estudantes conheçam várias formas de saberes do partejar e, 5) Fortalecer, a partir desse conhecimento, os saberes do nosso povo em relação ao parto tradicional indígena, independente de qual etnias pertencem.

Vocês poderão utilizar o curta em sala de aula como proposta diferenciada no aprendizado das/dos estudantes com relação ao parto tradicional Pataxó, assim como são usadas as apostilas e os livros. Outra possibilidade é utilizá-lo em uma discussão em sala de aula para relacionar com o conteúdo da disciplina ou até mesmo, citar em uma avaliação.

Esperamos que os saberes tradicionais do povo Pataxó nas vozes das nossas crianças possam mobilizar importantes e divertidas partilhas nos espaços educativos!

Este curta é produto do percurso intitulado: Saberes Tradicionais sobre o parto Pataxó na Aldeia Mãe Barra Velha. Apresentado ao curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas – Habilitação Ciências da Vida e da Natureza – FIEI/CVN



4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa que buscou investigar e analisar as técnicas em relação aos saberes tradicionais e científicos no parto tradicional Pataxó no olhar das mulheres indígenas pataxó da Aldeia Mãe Barra Velha, analisou histórias de mulheres que tiveram os seus partos em casa por parteiras. A partir deste estudo, destacamos a necessidade das instituições de saúde utilizarem métodos favoráveis para a inclusão das parteiras nas unidades de saúde, com o objetivo de melhorar a qualidade dos atendimentos na saúde da gestante indígena e para contribuir com o desenvolvimento e fortalecimento dos saberes tradicionais do nosso povo em relação ao período gestacional.

Diante dos dados obtidos, podemos afirmar que muitas ações precisam ser feitas em prol dos atendimentos das mulheres indígenas em hospitais no momento dos seus partos, infelizmente, observamos que não é de hoje que as mulheres sofrem maus tratos nos atendimentos hospitalares. Infelizmente, vivemos em lutas pelo cumprimento de melhorias na saúde indígena. Contudo, nas práticas do partejo pelas parteiras tradicionais nota-se que mesmo sem estudos e/ou curso profissionalizante, fica claro o conhecimento ancestral do seu povo que carregam para realização do seu trabalho. Desta forma, uma das possibilidades a essas ações seriam os acompanhamentos e conversas das parteiras nas unidades de saúde, entre gestante, enfermeiras e as parteiras.

Decerto, ser parteira não é uma tarefa simples, é uma profissão que requer vocação e respeito, é uma missão onde elas encontram vários desafios e barreiras ao longo dos seus trabalhos, mas com os seus conhecimentos e sabedoria logo são superados, e principalmente trazem um papel muito importante em suas mãos o Dom da vida, ou seja, de ajudar as mulheres a trazerem seus bebês ao mundo. É fundamental o reconhecimento dessas guerreiras que tudo fazem pela sua comunidade.

Nessa trajetória do percurso acadêmico, tive a oportunidade de ampliar novos conhecimentos, respeitar e acima de tudo, me fez valorizar ainda mais o trabalho das parteiras do meu povo pataxó, dos saberes tradicionais utilizados na realização de um parto, na gestação e pós-parto. Da importância de valorizar nossa cultura e nossos conhecimentos tradicionais de temos o parto em casa pelas mãos dessas

guerreiras que trazem os saberes culturais ancestrais com elas, dos cuidados, dos carinhos e do amor que são transmitidos por elas nesse momento tão delicado na vida de uma mulher e aprende a valorizar ainda mais a força que a mulher indígena traz contigo.

Por fim, acredito que esta pesquisa ainda é apenas o início de muitas outras pesquisas, espero que outros estudantes tenham a curiosidade de busca entender pelo menos um pouco qual a importância das parteiras indígenas, do cuidado com a saúde da mulher e do bebê, de pensarmos se realmente é isso que queremos para a saúde indígena, mais específico para a saúde do atendimento das mulheres indígenas no futuro.

5. Referências:

SILVA, J. da; EUCLIDES, M. S. Autoetnografia feminista negra dialogada: referência de epistemologias possíveis. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, [S. l.], v. 43, n. 2, p. 175–186, 2023. DOI: 10.5433/1679-0383.2022v43n2p175. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/48160>.

MORAES, Sara Santos. **Parto tradicional do povo Pataxó Hã Hã Hãe**. 2019. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Formação Intercultural Para Educadores Indígena, Habilitação em Ciências da Vida e da Natureza.) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

SANTOS, Erilsa Braz dos. **A história da demarcação da terra indígena Barra Velha**. 2018. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Habilitação em Matemática.

Apêndice A

'Relatos de partos tradicionais indígenas Pataxó de Barra Velha'

1. Apresentação da Entrevistada

- Nome completo:
- Idade:
- Nasceu na aldeia? Mora na aldeia desde quando?
- Número de filhos vivos:
- Já perdeu algum filho?
- Número de partos:
- Local dos partos e parteira:
- Perguntas:
 - Você autoriza divulgar o relato de parto em minha pesquisa?
 - Ele pode ser divulgado em livro, rede social?
 - Você gostaria de colocar seu nome?
 - Você gostaria de colocar uma foto?

2. Você poderia escrever um relato sobre sua gravidez e seu parto com a parteira Pataxó?

O relato é livre e você pode me contar o que você quiser.

Abaixo temos algumas perguntas, que podem fazer você relembrar esses momentos. Mas não precisa responder!

- Na sua gravidez você teve acompanhamento do pré-Natal ou acompanhamento com parteiras na gestação? Como foi esse acompanhamento?
- Você se preparou para o parto? Sabia como podia acontecer o parto? Com quem você aprendeu?
- Qual o nome da parteira que fez seu parto? Como foi a escolha da parteira?
- Como você soube que estava em trabalho de parto, ou seja, na hora de parir?
- O que a parteira fez para te ajudar no momento do parto (banhos de ervas medicinais, chá, esfregação, reza, outros cuidados)?
- Quem mais estava com você no momento do parto? Alguma pessoa, animal companheiro, planta, encantados, outros seres? Como foi esse acompanhamento?
- Você pode contar um pouco do parto, desde o momento das primeiras contrações, até no nascimento do bebê?
- Como foi o seu resguardo? Quais cuidados foram tomados nesse tempo (banhos, cuidado com a tesoura, restrições alimentares)?
- Você amamentou? Como foi amamentar?
- Como você se sentiu? Teve algum cuidado com a mãe do corpo?

Minha história de parto:

